

# Prisões que não libertam

**Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer**

Certamente ainda está fresco em nossa memória o violento e terrível filme sobre o Carandiru, a penitenciária paulista narrada pela pena do médico Drauzio Varela e transformada em filme de grande bilheteria. Nela estava denunciado o sistema penitenciário brasileiro como sendo não um lugar de reabilitação e reaprendizagem de viver e conviver em sociedade, mas uma escola de afundamento no crime e na transgressão. Detentos primários que entram pela primeira vez numa penitenciária são condenados lá dentro a delinquir novamente, uma e outra vez, por força da necessidade de sobreviver e de encontrar meios para não cair na loucura ou não ser assassinados no meio da noite.

Lamentavelmente o filme não produziu o efeito pedagógico esperado e a colocação em marcha de políticas públicas compatíveis com a gravidade da situação que mostra. Nos últimos tempos, a mídia tem trazido até nós notícias de estabelecimentos de diferentes pontos do país, onde as rebeliões dos presos são noticiadas com toda a sua cruza e crueldade, dando notícia de cabeças decepadas e atiradas do alto do edifício, assassinatos de reféns, desespero de famílias, enfrentamento entre polícia e prisioneiros em inútil e estéril violência e retaliação de parte a parte que não conduz a lugar algum nem melhora em nenhuma medida a situação do sistema penitenciário brasileiro.

A própria Pastoral Penal, setor de atividade da Igreja que se propõe atender aqueles e aquelas que estão no cárcere e dos quais foi dito que são critério de salvação do cristianismo: “Estive doente ou no cárcere e me visitaste”, debate-se com todas as dificuldades possíveis para realizar seu trabalho, encontrando toda série de obstáculos e enfrentando dificuldades de diversas espécies no seu desejo de levar aos encarcerados alívio e companhia.

A direção dos presídios parece comprazer-se em dificultar a entrada de agentes que vão realizar a tradicional obra de misericórdia de levar conforto aos presos e com eles trabalhar em sua reabilitação. O testemunho de pessoas que realizam esse trabalho belo e meritório é unânime em afirmar que há por trás das grades das cadeias, ao lado de criminosos perigosos, pessoas boas, que ali estão por um deslize na vida, mas anseiam por ter uma nova chance, de retomar a vida em bases mais dignas, decentes. O sistema perverso da penitenciária e da sociedade em que vivemos as impede de realizar seu sonho.

O detento sai da cadeia e, como egresso, não encontra trabalho, oportunidade de ganhar a vida. Isso o leva, quase na maioria dos casos, a voltar a delinquir, e desta vez a malha da transgressão dificilmente lhe permite uma nova saída. Aquele a quem foi negada a possibilidade de retomar sua vida na direção de uma nova inocência é uma acusação permanente a uma sociedade que não respeita seus cidadãos como pessoas humanas e os condena para sempre a não conseguir aceder a uma vida digna de sua humanidade.

Diante da violência que assola o país e o mundo, diante de um país como o nosso que está matando toda uma geração de jovens nos enfrentamentos entre o tráfico e a polícia, diante de um sistema penitenciário que não possui nem cadeias em número suficiente para conter toda a população carcerária que o Brasil tem, é urgente uma revisão profunda de todo o sistema. É urgente pensar na etapa intermediária entre a saída do preso da cadeia e

sua reintegração no sistema social. É urgente aumentar o espaço para receber a massa carcerária em condições dignas de vida e não em pocilgas onde os detentos se encontram amontoados como animais e só podem resultar em mais crime e mais sofrimento e morte.

A prisão não é feita para esmagar o homem ou a mulher que erraram em suas vidas e cometeram um ato que foi julgado nocivo e penalizável pela justiça. É feita, sim, para reeducar esta pessoa, rehabilitá-la e reinseri-la de novo no convívio social. Nosso país e seu sistema carcerário deveriam aprender mais da lógica do Evangelho, o qual nos afirma que Deus não desespera jamais de sua humana criatura, obra de suas mãos. Aquele que errou, por pior que seja seu erro, sempre pode rehabilitar-se e levantar-se. Porque, como diz São Paulo, “onde abundou o pecado, superabundou a graça”.